

INSUBMISSÃO FEMININA E HISTÓRIA DE VIDA: ALGUMAS MEMÓRIAS

Autores: MARIA CECÍLIA PEREIRA MAIA, FILOMENA LUCIENE CORDEIRO REIS, JOÃO OLÍMPIO SOARES DOS REIS., JENIFFER LAVINY CARDOSO PINHEIRO, BRENDA CARDOSO DE SOUSA, EMANUELLE FERNANDES, LUANE CARDOSO PINHEIRO

Introdução

Constata-se que, a pesquisa sobre as mulheres na historiografia brasileira é recente, contudo, esse tema ganha corpo sólido no decorrer do tempo. Há um grande caminho ainda para percorrer, entretanto, existem produções significativas. São várias as inquietações que perpassam esse assunto, muitas vezes, controversas. Pensá-las constitui um ato, entre tantos, político. Esboçar respostas investigando nosso lugar pode ser também uma militância.

Nesse sentido, queremos saber: “(...) como se estruturam ou organizam as relações de gênero e de poder no sertão de Minas da primeira metade do século XX [até os dias os dias de hoje]? Quais papéis e atributos são construídos e associados às mulheres na família, no casamento e nos espaços sociais, [em especial na educação]?” (MAIA et al, 2015, p. 6). Responder essas indagações consiste numa pesquisa sistemática, aliada a teorias, conceitos e metodologias adequadas, senão incorremos em erros. Selecionamos uma mulher sertaneja, que viveu a partir da primeira metade do século XX até nossos dias, visando compreender esse universo social de gênero e da educação no sertão mineiro: Amelina Fernandes Chaves.

Material e métodos

Esta pesquisa objetivou pensar como se organizam as relações de gênero e de poder no sertão de Minas a partir da primeira metade do século XX, bem como verificar quais os papéis são construídos e associados às mulheres na família, no casamento e nos espaços sociais que ela ocupa, em especial na educação.

Para tanto, a metodologia adotada consistiu na história oral, visando apontar as muitas histórias e memórias, nesse estudo específico sobre Amelina Chaves.

A história oral, metodologia adotada para o estudo, consistiu em entrevista organizada da seguinte forma: elaboração de perguntas, contudo, a método solicita espontaneidade no decorrer da entrevista, inclusive atenta aos trejeitos feitos no decorrer da fala; agendamento prévio com a entrevistada; utilização e domínio de técnicas e equipamentos para gravação da entrevista como computador e celular; transcrição da entrevista; e leitura, análise e interpretação do depoimento.

Resultados e discussão

Ao entrevistar Amelina Chaves percebemos sua intensidade e vontade de viver. O mundo para ela parece pequeno diante dos seus desejos e inquietudes. Ela fala com veemência e vigor, cuja energia é repassada aos seus ouvintes e interlocutores. Ela se apresenta: “Meu nome de documento é Amelina Fernandes Chaves, mas eu assino na literatura somente Amelina Chaves, tenho 82 anos. Nasci numa pequena vila chamada Sapé, na época município de Francisco Sá” (CHAVES, 18 ago. 2012).

Amelina Chaves tem muito orgulho de ser de Sapé e escritora. Essas são menções feitas logo no início da conversa. Constitui sua identidade. Morar em lugar pequeno como Sapé e buscar oportunidades consistiram lutas na trajetória de sua vida. Aprendeu com a mãe a ser insubmissa ao sistema vigente, que impunha as mulheres viverem como “donas do lar”. A educação foi um caminho diferente proposto a ela nesse universo patriarcal. Ela conta, que sua mãe foi a primeira professora de Sapé, sendo assim, esse mundo da educação fazia parte de seu universo desde a infância. Enfatiza como nessa época, a mulher era sobrepujada e sem liberdade. Ser professora era uma forma de rebelar, pois esse espaço colocava a professora no centro das atenções. Nele, a professora ensinava a ler e escrever, mas também sua forma de pensar, ver e viver o mundo. Ela diz que, o importante “não é lê, escrever e contar... deve ser educação para a vida, para viver, para ser” (CHAVES, 18 ago. 2012). Professora da Prefeitura Municipal indicada pela Rede Ferroviária, assume a tarefa de educar. Esse trabalho, ser professora, foi o grande marco da sua vida. Nesse lugar de professora relata que,

Atuando nessa escolinha fiz uma revolução nesse lugar. Eu ensinei plantar na roça, tinha uma área grande, eu levei o povo para plantar, plantei tudo até amendoim e foi uma revolução. Libertei muita gente dos jugos dos patrões, me pediram para sair, você sabe que ninguém pode esclarecer, chegou esse movimento, o Mobral, parando com tudo, houve perseguição política, dizendo que estava ensinando o povo a assinar o nome para votar e ficarem espertos, começou aquele “disse que me disse” político, aí veio o período de Collor de Mello e acabou com tudo. Porque a política é faca de dois gumes, vem um e faz um projeto bom, vem outro atrás atrapalhando aquilo. Eu estive na rede ferroviária por quatro anos e depois em 1967, fui para o Mobral (CHAVES, 18 ago. 2012).

Amelina Chaves é uma “rebelde”. Por onde passa “revoluciona” o lugar e as pessoas. Como professora ensinou mais que ler e escrever, mas a pensar a vida e suas implicações. Plantar, esclarecer sobre política e saber votar foram aulas ministradas por Amelina Chaves na escola. Ir contra a ordem vigente e o papel da mulher da época fazia parte da sua rotina. Era “quase” intuitivo. Trabalhava com crianças, contudo, no MOBREAL jovens e adultos era o alvo para a alfabetização. Esse novo Programa, MOBREAL, tornou-se parte do ato de educar para ela: “Bem eu engajei, me apaixonei de uma forma total, porque tinha uma abrangência muito grande, não só a alfabetização de adultos, mas, a educação mesmo” (CHAVES, 18 ago. 2012).

Considerações finais

Ser professora, conforme aborda Amelina Chaves, era muito importante na época. A mulher era respeitada e considerada como uma mestra. Seus conselhos eram acatados. Constituíam poder de transformação. Ela conta como, enquanto mulher e professora, apesar de mais nova, aconselhou vários alunos a mudarem de vida. Ela influenciava diretamente a vida das pessoas que compartilhavam a escrita e a leitura.

Ao narrar sua história Amelina Chaves mostra que, apesar do lugar da mulher no sertão ter normas estabelecidas numa perspectiva de uma sociedade patriarcal, essas regras são burladas, pois esse espaço sertanejo a coloca em outro patamar. Há muitas lutas diárias para a sobrevivência. O lugar, o sertão, apresenta dificuldades que advêm do clima e do solo e a mulher que habita a região precisa ser forte para vencê-las. As mãos calejadas da labuta cotidiana as tornam sensíveis a natureza e a humanidade.

As mulheres, nesse contexto, são verdadeiras batalhadoras e construtoras de um universo de sobreviventes. Ser professora, nesse espaço, agrega valor à mulher. E ela, com essa força, transforma o lugar em que vive, ensinando e aprendendo com jovens e adultos a ler e a escrever, mas especialmente a viver.

Agradecimentos

Agradecemos a Diretoria de Biblioteca Universitária pelo apoio e logística.

Referências bibliográficas

CHAVES, Amelina. *Entrevista concedida a Filomena Luciene Cordeiro Reis et all.*. Montes Claros, 18 ago. 2012.

MAIA, Cláudia de Jesus et all. *Gênero e insubmissão feminina no Norte de Minas na primeira metade do século XX*. Montes Claros, MG, abr. 2015. (Projeto de Pesquisa)

Realização:



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO, TECNOLÓGICO
E INOVAÇÃO SUPERIOR



PIBID
Unimontes

Apoio:



MELLO, Rita Tavares. *História, memória e vivências: a EJA no norte de Minas Gerais. 1940-1960.* 268 f. 2015. Tese (Doutorado Educação). Universidade Federal de Uberlândia, 2015.